



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“SEJA SUA PRÓPRIA ENFERMEIRA”: AUTONOMIA E SAÚDE FEMININA NO ALMANAQUE D’ A SAÚDE DA MULHER (1930-1940)

Ana Karoline Lima de Moraes (UFCG) (CAPES)

analima2.ak@gmail.com

Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN)

azemarssoares@hotmail.com

O presente trabalho visa analisar as propagandas do tônico “a saúde da mulher” presentes no “almanaque d’ A saúde da mulher” durante a década de 1930 até o ano de 1940, pretende-se voltar o olhar para as propagandas que visaram criar uma ideia de autonomia feminina no tratamento de seus “males” que seriam, segundo o discurso médico, causados pelo mal funcionamento do útero e dos ovários. Ao refletimos sobre tal ideia de autonomia feminina no tratamento de sua saúde dispomo-nos a problematizar o lugar de sujeito construído para esta mulher dita autônoma no periódico, sobretudo porque para gozar de tal autonomia precisa-se, antes de tudo, reconhecer-se enquanto ser naturalmente patológico e adequar-se ai discurso médico-farmacêutico para poder curar-se e ser livre. Para tal nos utilizaremos do conceito de poder entendido por Michel Foucault (2014), sobretudo para pensar as relações de poder que envolvem o corpo feminino e as tentativas de regulação deste corpo, assim como o de modos de endereçamento proposto por Elizabeth Ellsworth (2001), para compreender o lugar de sujeito criado para as mulheres nestas propagandas. Neste sentido visamos analisar as tramas que cercam o corpo feminino nesta primeira metade do século XX e as diversas maneiras de tentar regulá-lo, assim como adequá-lo as demandas sociais, culturais e políticas do período trabalhado.

Palavras-chave: Saúde. Almanques de farmácia. Poder. Gênero.

Introdução:

A apreensão do corpo feminino feito pela medicina a partir do século XVIII é um dos fatores mais marcantes do período moderno. Reduzidas a sua biologia e tidas como naturalmente doentes, frágeis e débeis devido ao seu útero – tido como órgão no qual a estabilidade física e emocional feminina repousava – coube às mulheres ter seu lugar social reduzido ao de mãe, esposa e rainha do lar, devido ao seu corpo. Tal redução do feminino ao biológico deu-se juntamente com uma total diferenciação entre os corpos femininos e masculinos.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Como aponta Thomas Laqueur (2001), antes do século XVIII os órgãos sexuais tanto feminino quanto masculino não eram pensados enquanto totalmente opostos entre si, mas como um mesmo órgão que apresentava duas variações. Enquanto os ovários eram associados aos testículos, a vagina era associada ao pênis. A única diferença encontrada seria a ordem que esse mesmo órgão sexual se apresentava em cada corpo, se nos homens ele estava exteriorizado, nas mulheres aparecia internamente. Esta maneira de pensar o corpo muda com o advento da medicina moderna onde os corpos feminino e masculinos passam a ser pensados como totalmente o oposto um do outro, não mais um órgão sexual que se apresentava de duas formas, mas sim dois órgãos sexuais, dois corpos humanos, totalmente diferentes entre si.

Esta diferenciação não atende apenas ao campo biológico visto que estas diferenças corporais foram usadas para justificar os lugares a serem ocupados por homens e mulheres no meio social (LAQUEUR, 2001, p. 242), houve, inclusive uma total separação das esferas a serem ocupadas por estes sujeitos. Enquanto aos homens coube a esfera pública, assim como a política e a administração do Estado às mulheres reservou-se o espaço privado do lar e o cuidado dos filhos. A medicina passa a ser o campo do conhecimento que definirá estas ocupações, assim como se preocupará o tempo todo em demarcar a diferença sexual entre homens e mulheres e, conseqüentemente os espaços a serem ocupados por estes corpos.

Houve, neste sentido, o desenvolvimento de áreas no saber médico que dedicassem exclusivamente ao corpo feminino e a cura de seus males. Ao estudar a institucionalização desta medicina de mulher no Brasil nas primeiras décadas do século XX, a antropóloga Fabíola Rohden (2001) destaca duas especialidades médicas que cuidarão do corpo feminino são elas a ginecologia e obstetrícia, enquanto a segunda cuida dos cuidados com as gestantes e se ocupa do acompanhamento da gravidez, a primeira ficará a cargo de estudar os órgãos reprodutores femininos e as possíveis doenças acarretadas por tais órgãos.

Não só diferenciada será a constituição do corpo da mulher, mas também patologizada (ROHDEN, 2001), visto que o útero, segundo a medicina dos séculos XIX e





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

XX, seria um possível causador de grandes males no funcionamento do corpo. Diante de tamanha fragilidade, o corpo feminino seria um dos principais alvos da medicina no século XIX e início do século XX.

Assim, analisaremos alguns enunciados do almanaque d' A saúde da mulher na década de 1930. Estes impressos anuais tinham como objetivo veicular as propagandas dos medicamentos dos laboratórios. No caso deste almanaque específico o laboratório que editava e distribuía o periódico era o Daudt & oliveira, uma dos principais do ramo não só farmacêutico, mas também propagandístico. João Daudt Filho assim como seus sucessores à frente da empresa ficaram conhecidos nacionalmente como gênios da propagandas chegando a revolucionar o modo como se difundiam os anúncios de medicamentos no país.

Problematizaremos este periódico anual e suas propagandas como sendo um dos meios de difusão da ideia de que o corpo feminino é naturalmente doente e, portanto necessita ser medicalizado e controlado, mas não só isso, como o próprio tônico veiculado pelo periódico tinha o objetivo de se apresentar como a melhor solução para tais problemas ao criar a noção de “autonomia feminina” diante do tratamento de seus males o periódico convidava estas mulheres a reconhecer-se enquanto organismo patológico que precisa de intervenção médica.

Autônoma, porém frágil.

É neste contexto que o tônico a saúde da mulher surge como um remédio eficaz para pôr um fim a estes “males” que afetam o corpo feminino. Mas que males seriam estes? O almanaque d' a saúde da mulher destacar alguns:

Corrimento abundante desde o primeiro dia das regras, com grandes e prolongadas hemorragias e anemia consequente; suspensões; sensação de desânimo, perda de apetite; perturbações no systema nervoso com o seu séquito de irascibilidade, insomnias, dores de cabeça, depressões, e mal estar; pelle descorada e cheia de manchas, queda dos cabellos e uma infinidade de sofrimentos enervantes.” (Almanach d' A saúde da mulher, 1935, p.30)

Diante do saber médico, que o almanaque reitera o tempo todo as proposições, o útero e os ovários seriam os causadores de todos estes males elencados acima. Quando





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

não em estado “normal” estes órgão apresentavam-se como maléficos ao bem-estar físico e mental das mulheres. Como poderiam então elas se livrarem destes incômodos e desempenhar com excelências suas funções na sociedade? Como se curar diante de tamanha debilidade e fragilidade biológica? Como pôr um fim nesse sofrimento que acarreta tanto prejuízos? O tônico “*a saúde da mulher*” se apresenta como a resposta mais eficaz no tratamento do útero e dos ovários impedindo, inclusive que a mulher passe por todas essas angustias em todo período menstrual:

A SAUDE DA MULHER é o remedio conhecido e proclamado como o melhor tonico e o mais efficaz regularizador das funções ovarianas. Falta de regras, corrimentos, regras excessivas, ou dolorosas, todas as perturbações que falamos acima, são combatidas por este remedio maravilhoso e providencial, que tem no seu nome a syntese das suas qualidades (Alamach d’ A saúde da mulher, 1935, p. 30)

Assim o almanaque apresenta o seu tônico como o meio mais eficaz de pôr fim ao sofrimento feminino causado pelo seu corpo, o nome do medicamento vem em letras maiúsculas para que fique bem claro e não haja nenhum erro na hora de solicitá-lo na farmácia. Embora uma lista grande de males causados pelo útero e pelos ovários já tenha sido evocada no início da propaganda em forma de artigo, são acrescentadas mais algumas para que as mulheres estejam realmente cientes de todos os perigos que não tratar seus órgãos reprodutores pode lhes causar. Um fator interessante e que deve ser mencionado é a constante menção da biologia feminina como naturalmente patológico, proposição esta feita sobretudo pelo saber médico e científico, entretanto, a solução dada pelo periódico não é a consulta com um médico ou algum tipo de intervenção cirúrgica, inclusive recomendada por esses profissionais em casos extremos (RODHEN, 2001), mas sim a automedicalização por meio da ingestão do tônico.

Como típico dos enunciados assim como entendido por Michel Foucault (2008). Definido como átomo do discurso, o enunciado emerge como uma proposição vinculada a um tipo de formação discursiva que possibilita a sua aparição, o enunciado portanto, está ligado a uma rede de correlações que o tornam possível (FOUCAULT, 2008). Seguindo essa lógica, as propagandas do tônico a saúde da mulher se apresentam como enunciados, pois estão ligados a uma ordem discursiva que não apenas patologizou o corpo feminino





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

como tornou a ciência e o saber médico os meios principais para tratar deste corpo doente . Mesmo que o almanaque proponha que a mulher trate sozinha suas doenças a através de uma automedicação o tônico e suas propagandas só se tornam possível diante destas condições de possibilidade que fizeram o saber médico e científico emergir como proposições verdadeiras na modernidade.

Assim, o almanaque mostra que a própria mulher deve assumir o controle de sua saúde ao ingerir o tônico. É criado um lugar de sujeito próprio desse modo de endereçamento das propagandas (ELLSWORTH, 2001) que designa às mulheres uma postura ativa diante das s doenças próprias de seus organismo. Os modos de endereçamento consistem em problematizar os tipos de sujeito que determinados filmes buscam alcançar e afetar para que possam alcançar o sucesso, trazendo esta problemática para as propagandas, estas também visam construir posições de sujeitos que tornem possível o público de identificar com os anúncios e assim o objetivo de vender o medicamento ser alcançado. Agora pretendemos analisar como o apelo também voltou-se para a mulher enquanto ser que trabalha e tem uma vida para além do âmbito familiar, entretanto os deveres cívicos permanecem sendo objeto principal de intimação para a mulher se ocupar de sua saúde:





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA



(A saúde da mulher, 1938, p. 35)

Na propaganda do final da década de 1930 vemos uma mulher com os trajes de enfermeira do período segurando em mãos um frasco do tônico a saúde da mulher, seu olhar não encara a/o leitora/r do periódico, mas volta-se para o lado. Suas feições são tranquilas e deixam escapar um leve sorriso que dá suavidade a sua expressão. As cores vivas nos apontam que os avanços em relação à qualidade em relação às imagens são alcançados pelo almanaque e são tais cores que chamam mais atenção para a propaganda.

A figura da imagem também nos chama atenção. Nesta propaganda não é uma mãe ou uma esposa que vem trazer o tônico como a solução para a boa saúde feminina, mas sim uma enfermeira, ou seja, uma mulher que além de mãe e esposa (ou não) também tem um trabalho fora de casa. Como já dito, o trabalho feminino fora de casa, principalmente a partir da década de 1930 vai ser bastante condenado por vários intelectuais de áreas diversas, Igreja, Estado, médicos e juristas convergiam na ideia de que o lugar principal que as mulheres poderiam ocupar era a casa, cuidando dos filhos e do marido, sendo assim aquelas que trabalhavam nas fábricas ou em qualquer outro lugar que não fosse a casa





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

eram mal vistas dentro da sociedade. Mas a mulher que aparece na propaganda não é uma trabalhadora qualquer, não faz parte da maioria das mulheres que davam seu suor nas fábricas ou em outros locais onde o trabalho era extremamente exaustivo, a mulher que se apresenta nesta divulgação do tônico é uma enfermeira.

Margareth Rago (2014) mostra que as mulheres que se tornavam enfermeiras eram as que podiam pagar por algum tipo instrução, enquanto as que não podiam seriam domésticas, telefonistas operárias e etc. o lugar social de uma enfermeira era privilegiado em relação às outras profissões que eram delegadas para as mulheres. Mas ser enfermeira não significava estar em um patamar profissional tão alto, Rago também nos chama atenção para o fato de que as profissões reservadas para as mulheres devido a crescente desvalorização de suas capacidades intelectuais, política e profissional eram profissões em que as mulheres se encontravam em um grau sempre abaixo de algum homem. Já evidenciamos que o lugar social do médico desempenha nas sociedades modernas ocidentais um dos mais privilegiados e bem quistos e mesmo as mulheres brasileiras podendo adentrar na profissão médica desde o final do século XIX (ROHDEN, 2001), é como enfermeiras que as mulheres que faziam parte do saber médico são sempre associadas.

Mas mesmo não estando em um lugar social tão prestigiado como o de médico, as enfermeiras são, mesmo assim, representantes do saber médico e em nome dele agem no meio social. Muito antes da implantação do Estado Novo as enfermeiras já eram tidas como agentes principais do sanitarismo, pois como estavam subordinadas aos médicos, eram elas tinham contato direto com a população pobre que deveria ser gerida pela saúde pública (SANTOS 2008).

Não devemos deixar de mencionar que a enfermagem foi associada às mulheres também por que remetia ao cuidado do outro, característica que era atribuída as mulheres, ou seja, mesmo em sua profissionalização as mulheres apareciam como sujeitos que tinham por função primordial cuidar dos filhos, do marido e também da sociedade. Portanto, a recorrência de enfermeiras nas propagandas do tônico a saúde da mulher, principalmente no final da década de 1930 está ligada ao lugar da profissão na sociedade, mas também ao próprio lugar do feminino nesta sociedade, encontramos, inclusive um uso





muito mais recorrente e com apelos nacionalistas em relação a propaganda com as enfermeiras quando o Brasil entra oficialmente na Segunda Guerra Mundial a partir de 1942.

Considerações finais

Encontramos várias propagandas que trazem o enunciado “Seja você sua própria enfermeira”, todas trazendo a figura da enfermeira como central. O uso da imagem dessas mulheres parece trazer um impacto significativo nas leitoras. Primeiro, pois invoca uma profissão bastante almejada para aquelas mulheres que queriam subir na vida, mesmo que não tivessem o recurso necessário. Segundo, pois exhibe uma ideia de autonomia da mulher com seu próprio corpo, bastante libertadora. E terceiro, por que mesmo autônoma, a figura que apresenta o tônico ainda se liga, mesmo que de forma subordinada, ao saber médico que construiu o organismo feminino enquanto patológico, delicado e instável, mesmo autônoma no cuidado de sua saúde, a mulher permanece dependente de certo tipo de verdade sobre seu corpo que as condiciona, como aponta Foucault:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. „*Vocês são apenas o seu sexo*’ dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. „*Vocês são a doença do homem*’. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando a patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência. (FOUCAULT, 1982, p. 234).

Como aponta o filósofo francês supracitado, o corpo feminino é assunto e preocupação do saber médico, que produz este corpo enquanto fraco, doente, causador de males não só para si, mas para a população no geral, pensando o almanaque dentro destas considerações é possível perceber que o corpo feminino mesmo sendo mostrado como um corpo que cada vez ocupa novos espaços, novos lugares, onde a mulher cuida da sua própria saúde, não deixa de ser tutelado por um tipo de conhecimento científico que possui a verdade sobre este corpo. A veiculação de imagens de enfermeiras foi, uma estratégia significativa visto o poder que tal imagem carrega, mostra que as mulheres podem ser





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

independentes e desempenhar variadas atividades no meio social, elas só precisam reconhecer o quanto seu corpo é doente e trata-lo com o tônico para desfrutar de todos os benefícios da vida.

Desse modo, é possível pensar o almanaque d' a saúde da mulher como uma dessas formas de construção do corpo feminino. Ao coloca-lo como patológico e que precisa ser regulado, o almanaque constrói a mulher que fará uso do seu tônico, constrói as doenças que marcam esse corpo e solidifica o que é ser uma mulher. A saúde apresenta-se como o ponto chave para alcançar este ideal, pois ela se relaciona ao saber que nas décadas de 1930 e 1940 possuía atestado de verdade, o saber científico e, mais precisamente, médico. Seja a mulher filha, mãe, esposa, trabalhadora e pertencente a uma nação, deve, dentro do almanaque d' A saúde da mulher, está em dia com sua saúde só assim poderá ocupar seus lugares sociais de forma adequada. Ou seja, é preciso enquadrar-se em um modelo e deixar-se regular pelo tônico a saúde da mulher para poder estar em dias com suas obrigações na sociedade.

Como foi possível observar, a própria ideia de autonomia e a conseqüente ideia de liberdade só podem se materializar diante do uso do tônico. Este é o modo de endereçamento destes anúncios que cria este lugar de sujeito que deve ser ocupado pelas mulheres para que estas cuidem de sua saúde e desempenhem seus lugares sociais na sociedade. Não queremos dizer com isto que todas as mulheres aceitavam tal lugar de sujeito pacificamente, infelizmente a recepção destas propagandas nos escapa, mas refletir para o fato de que o periódico busca fixar este como principalmente como patológico, débil e que precisa ser tratado, para que assim as mulheres estivessem livres para viver suas vidas.

Referências:

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 09-76.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 174 p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3º. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 279 p.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SANTOS, Tânia Cristina Franco dos; BARREIRA, Ieda de Alencar. *A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo*. Texto, Contexto Enfermagem, Florianópolis, p. 587-593, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a21v17n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

